

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS**  
**Curso de Pós Graduação no Enfrentamento da Violência contra Crianças e**  
**Adolescentes**

Adriana da Silva Turbay

**“Conta sua história, criança! O trabalho com narrativas infantis que significam a possibilidade de ressignificação frente à própria imagem, pós violência sexual, psicológica e negligência.”**

**Estudo realizado com as crianças da ONG CECIVI – Centro de Combate à Violência Infantil, em Curitiba**

**CURITIBA**

**2009**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS JURÍDICAS E SOCIAIS**  
**Curso de Pós Graduação no Enfrentamento da Violência contra Crianças e**  
**Adolescentes**

Adriana da Silva Turbay

**“Conta sua história, criança! O trabalho com narrativas infantis que significam a possibilidade de ressignificação frente à própria imagem, pós violência sexual, psicológica e negligência.”**

**Estudo realizado com as crianças da ONG CECОВI – Centro de Combate à Violência Infantil, em Curitiba**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para aprovação no curso de Pós Graduação em Enfrentamento da Violência contra Criança e Adolescente.

Orientador: **Prof<sup>a</sup>. Fernanda Teodoro Decesaro.**

**CURITIBA**  
**2009**

**“Conta sua história, criança! O trabalho com narrativas infantis que significam a possibilidade de ressignificação frente à própria imagem, pós violência sexual, psicológica e negligência.”**

**Estudo realizado com as crianças da ONG CECОВI – Centro de Combate à Violência Infantil, em Curitiba**

**Adriana da Silva Turbay**

## **Resumo**

Este trabalho, resultado de pesquisa realizada em uma instituição não governamental, tem por objetivo possibilitar a aplicação de um olhar que possa ressignificar a condição existencial de crianças que passaram por violência. Através de pesquisa participante, entrevistas dialógicas, trabalhos em grupo e atendimentos individuais, possibilitou-se um espaço, a reestruturação do eu, objetivando assim a quebra de mitos e condições pré-estabelecidas pelo senso comum, frente à dificuldade da criança que passou por violência em se ressignificar. O resultado do trabalho, que não é fixo e sim constante, mostra que ao criar o lugar de escuta, esta propicia a criança um espaço para se rever e dessa maneira destituir os conteúdos a ela “impressos” pelas marcas da violência.<sup>1</sup>

Palavras Chave: criança, escuta, fala, existência, ressignificação, marcas.

## **Abstract**

This work, that results on the research made in a non governmental institution, aims to make possible the application of a look that can bring a change of the existencial condition of children who have been victims of violence. Through participative researches, dialogics interviews, group works and individual sessions, there was a way to make space, the restructure of the self, aiming tough the breaking up of myths and pre concepted conditions by the comon sense., facing the difficulties of the child that has been through violence in the process of bringing up the meaning of changing her/his previous condition. The result of this work, that is not for good but can be changed, shows that by the time the place for listening is created, this listening will bring to the child a place to figure up her/himself and get rid of the marks printed by the violence she/he has been victim of.

**Key words:** child, listening, speaking, existence, new meaning, marks.

---

<sup>1</sup> Psicóloga clínica e assistente social. Formação acadêmica: Serviço Social e Psicologia Email: drisatva@hotmail.com

## SUMÁRIO

1. TEMA .....	5
2. INTRODUÇÃO .....	6
3. DESENVOLVIMENTO.....	10
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	30
5. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	33

## **Tema**

“Conta sua história, criança! O trabalho com narrativas infantis que significam a possibilidade de ressignificação frente à própria imagem, pós violência sexual, psicológica e negligência.”

Estudo realizado com as crianças da ONG CECОВI – Centro de Combate à Violência Infantil, em Curitiba

## **Introdução**

*“... As marcas deixadas, sejam por amor, corte ou tatuagem, Ficam para sempre. São bem mais que verdades. Fazem parte da alma da gente assim como os olhos enfeitam o rosto. Assim como a história ou como a chuva. As marcas que ficam na gente são aquilo que esquecemos e aquilo que somos para sempre.”*

*Gabriel Moojen – Histórias Tatuadas*

*“... pois não é de todo infeliz aquele que Pode contar a si mesmo a sua história”.*

*Maria Zambrano*

Esta experiência retrata a possibilidade de um profissional de psicologia e ou serviço social praticar a sua criatividade em um ambiente de atuação, mais concretamente a poder criar suas próprias “ferramentas”, escolher os meios de atuação até mesmo historiar as suas idéias e apresentá-las com o máximo de coerência e competência tendo apoio teórico prático, levando a todos os envolvidos no processo uma alternativa condizente a um novo projeto de vida Essa possibilidade pode ser considerada única, complexa, mas essencialmente rica.

O tempo de desenvolvimento da prática foi de fevereiro a setembro de 2009.

O espaço da realização da pesquisa foi através de trabalhos em grupo e contatos individuais.

A análise intencional, junto aos relatos feitos pelas crianças foi fundamental para encontrar e compreender os significados e significantes do universo de cada criança envolvida.

Além da utilização dos relatos da prática junto às crianças, a documentação das mesmas e a análise intencional destes, utilizou-se uma vasta literatura das áreas de serviço social, psicologia, pedagogia, filosofia entre outras e materiais avulsos como

revistas e apostilas. Essa literatura permite uma incursão no universo da criança, da memória, da ressignificação e tantos outros mundos que permeiam o universo infantil.

A intenção do trabalho frente à narrativa da criança e sua ressignificação foi a de objetivar junto às crianças uma fala de rever-se, utilizando a sua própria fala – a fala da criança.

Os objetivos foram relacionados com a condição de gerar um novo olhar frente à situação existencial de cada criança, situação esta que envolve desde familiares que ainda constam em seu universo, os profissionais que estão diretamente envolvidos com a criança e de maneira primordial o sujeito mais significativo neste contexto – a criança.

Ao relatar as histórias das crianças, suas vivências a partir de suas falas e ou escritos, fomos resgatando passo a passo suas vivências e o que eles consideravam significativo falar ou no caso calar.

Diante dessa realidade consideramos que o conteúdo das experiências passadas podem explicar e ilustrar o que se vive no momento presente. Começamos a entender que nossos pequenos autores e ou contadores, vão recriando os mundos que constituem e atuam como pano de fundo de suas de sua ação como sujeito no momento real.

Ao realizarmos nossa prática, torna-se mais que importante a consideração dos universos infantis, suas considerações e participação na práxis cotidianas - individualmente, na família, nas instituições e na sociedade.

Os materiais teóricos utilizados fundamentam uma prática constantemente renovada e também criadora, já que partimos do desejo da criança e não do profissional envolvido. Este movimento de teoria e prática tem como objetivo dialetizar a percepção e a reflexão através dos instrumentos de presença (fala e escuta) e investigação (análise do material coletado).

A consciência de crítica e de análise, passa da fala da criança (narração) para a ilustração desta fala, muitas vezes feita em forma de desenho e em alguns momentos em forma de escrita. Esses relatos são marcados pela subjetividade, pois são relatos (muitas vezes fragmentados) da experiência de cada pequeno narrador, da diversidade das experiências e dos conteúdos registrados por uma criança. Realidade e fantasia e vice e versa.

Tornar-se importante considerar a complexidade que é dimensionar um trabalho “de escrita” desse porte, já que envolve universos conhecidos unicamente por quem “conta”. Mas deixar este conteúdo nos guardados ou nos arquivos de cada criança, seria evitar explicitar que tais relatos são o principal aspecto constitutivo da identidade de cada envolvido. Deixar as histórias de lado, seria perder um pouco ou muito do vivido de cada criança, seu passado, aquilo que viveu e que fazia e faz parte do seu processo de identificação e principalmente, nos casos acompanhados parte do processo de ressignificação.

Temos conhecimento que recordar e passar a refletir sobre nossa história, através da fala, da escrita e ou desenho, passamos a refletir sobre como compreendemos nossa própria história e a dos que nos cercam, estando vinculados conosco ou não. Vamos nos inscrevendo em uma história que não esta mais distante, mesmo que muitas vezes histórias dolorosas, impregnadas do não ser, são conteúdos únicos que muitas vezes no sentido do receptor da negligência, permite a este a saída da condição de culpa, revendo-se como sujeito fora da estruturação fantasmática.

As lembranças – histórias – permitem nos refletir sobre o “ nós mesmos”, ressignificando, reelaborando e reinventando o vivido.

Tendo o relato das histórias das crianças, percebemos que sempre existe o novo e seus pequenos olhos e ouvidos permitem fazer uso desse novo, de Alberto Caieiro heterônimo de Fernando Pessoa (2006, p.305): “E o que vejo, a cada momento, É aquilo que nunca antes eu tinha visto...”.

Para termos clareza da prática em relação à transformação e à ressignificação destas crianças, devemos retomar as histórias considerando esta retomada como um instrumento de ação concreto, uma práxis real, evidenciando uma análise intencional e principalmente uma reflexão verdadeira, que busque a ressignificação dos envolvidos.

O trabalho psicológico na ONG CECovi – Centro de Combate a Violência Infantil, objetiva-se em atender individualmente e em grupo os infantes, ali abrigados e ou encaminhados buscando atenuar os traumas causados pela violência recebida.

O contato individual e em grupo, são os instrumentos que possibilitam uma análise frente os envolvidos: infantes, Assistente social e a psicóloga.

Encontramos na relação individual e/ou em grupo, uma forma de relacionamento que possibilita uma aproximação, tanto do infante como de suas falas e idealizações. Idealizações que configuram uma busca do que lhe parece emergencial (o “Eu”) e o vital (a “existência”).

O olhar da psicologia bem como do Serviço Social, vem trabalhar junto a cada infante, suas falas, medos e buscas.

Através de uma práxis, onde a evidência é a compreensão do contexto social, traumático que cada um se encontra frente ao ato do abrigamento.

A busca da imagem parental (que se mostra através dos relatos feitos pelas crianças), despertou-nos a atenção, pois é ela que norteia cada passo e movimento da criança, na condição de uma nova percepção de si mesmo. À psicóloga cabe promover junto às crianças (considerando suas idades e elaborações psíquicas) uma remodelação de postura onde estes serão os agentes transformadores de sua história.

Ao deixarem o seu universo individual, o vivido aparecer, a criança enfatiza a condição psíquica em que se encontra frente ao (aos) trauma (s) sofrido (s); assim seus conteúdos ficam ligados ao que lhes é emergente para uma reestruturação, para a supressão do medo, possibilitando assim uma quebra na imagem de “criança de lugar nenhum”<sup>2 3</sup>

A pesquisa a ser realizada tem por objetivo geral conhecer o conteúdo estrutural da criança abrigada, frente à desconstrução da dor e a construção de uma nova imagem de si mesmo.

---

<sup>2</sup> Termo utilizado por Jenny Aubry, psiquiatra e psicanalista infantil francesa, ao se referir as crianças separadas de seus pais e brigadas. AUBRY, J. *Psicanalise de crianças separadas: estudos clinicos (1952-1986)*. Rio de Janeiro: Campo Matêmico, 2004.

## A memória, a fala, no cotidiano vivido e relatado, a (re) invenção do viver

*“Quero ficar surda para suportar  
Os que me querem humana,  
E por esta razão me chamam desumana,  
Granito cheio de musgo (...)”*  
Adélia Prado

De acordo com o desenvolvido, pode-se dizer que experiência e transmissão são indissociáveis. Nem que seja pela necessidade de estabelecê-las em um laço com o outro. Este é um ponto de partida banal desta questão, no entanto, ela pode tornar-se verdadeiramente complexa. Não há nada mais complexo que a fala. Ao repensar a fala, partindo das colocações feitas, considerando estas mais genéricas sobre os laços discursivos, faz-se necessário acompanhar passo a passo a forma como o sujeito constrói seus registros – ou é construído por eles – antes de retornar à indagações sobre mundo externo.

Ao direcionar a memória por um contexto vivenciado, poderíamos considerar que, a memória é um aspecto constitutivo da identidade. É ela que resgata os fatos do acontecido, das vivências que significam o jeito de ser, nosso modo de agir e nosso modo de viver.

Recordando, passamos a refletir sobre como compreendemos nossa história e (ALVES, 2004, p.41) “(...) na grande maioria das vezes, tudo isso é inconsciente. E, quanto mais inconsciente, mais insinuante, mais poderoso”.

É a memória que permite a recuperação dos acontecimentos que estão intimamente ligados a nossa ação cotidiana como sujeitos, ela nos permite “estar” em nossas vidas utilizando que foram por nós (ALVES, 2004, p.41 e 42) “antes engolidos, digeridos, assimilados, tornados semelhantes ao corpo. (...) é o falar sobre nosso lugar ideológico, nosso aquário, nossa teia, nosso poço, nossa conversação”<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Grifo meu.

A memória permite o reconhecimento do vivido e o reconhecimento, a tomada de consciência deste vivido.

O caminhar feito pelas crianças considerando o resgate de suas memórias, foi possibilitando um ver-se como sujeito, desaparece o impessoal, aqui quem pensa, fala, desenha e escreve é uma pessoa real, que não apenas viu mas vivenciou um fato – o seu vivido e dessa maneira através de sua lembrança constitui sua memória, é o “arquivo” de seus conhecimentos, únicos e particulares.

A importância da elaboração de uma memória baseada em contos serve não apenas para a construção da subjetividade humana, mas também e principalmente para o seu desenvolvimento, e é através desta construção subjetiva que podemos elaborar nossos conflitos internos.

Agora o nosso interesse desloca-se no espaço e no tempo; volta-se para as muitas e díspares vozes “literárias” dos infantes que se fizeram ouvir no período de intensa fermentação, seja esta fermentação “cultural” ou unicamente pela mudança sofrida, que é mais do que um conteúdo unicamente cultural.

A nossa função é considerar os relatos referentes às memórias das crianças, como “antologias literárias” ou e também como “antologias poéticas” do vivido. Temos de combinar a narrativa da memória, a história da criança, os conteúdos psicológicos e sociais, e também uma crítica considerável frente à fala. Todo este trabalho deve ser construído de forma constante e discreta para que a criança perceba ao mesmo tempo o seu panorama e o um novo olhar sobre este contexto, nada esconde, mas não se abstém de iluminar mais vivamente o que lhe parece de maior significado.

Acertar o passo com estas novíssimas correntes de narrativa vindas das diversas vivências. Em seguida revolver seus conteúdos – “tesouros” da vida popular – , é um caminho que protagoniza um novo caminhar, para todos os envolvidos.

É da bivalência estrutural da condição dependente que nascem tantas continuidades. Em se tratando de seres humanos, estas diversas polarizações acabam motivando mudanças de rumo em trajetórias pessoais. Mesmo em se tratando de crianças, devemos considerar esta realidade.

Basta atentar para a fecundidade das narrativas, de alguns desses “nobres” itinerários, já que aqui falamos de sobrevivência de resignificação. Ambas as direções apontadas (da incorporação da fala e do outro à busca da identidade, e vice-versa) demandam um esforço de narração e de compreensão que nos faça vislumbrar algum sentido na história relatada e na produção de transformação que esta motiva.

O olhar em retrospecto de que dispomos, a partir do relato feito, da memória contada, favorece o exercício de um critério que descarte o que possa parecer supérfluo e colha o essencial. Não existe aqui uma teoria de autonomia, não inventamos uma autonomia de uma nova arte literária, é certo, mas podemos trabalhar o pressuposto fecundo que é o conteúdo trazido pela criança. É um princípio de liberdade, tanto na construção quanto na expressão.

A liberdade estética aqui nos permite parar, ouvir e anotar. O senso de liberdade propicia, de um lado, a disposição de agir ludicamente no momento de criar formas ou de combiná-las, e de outro, amplia o território subjetivo, tanto na sua conquista de espaço de escuta, quanto na direção; de abrir a escrita às pulsões afetivas que os padrões determinantes costumam censurar.

Utilizando Miguel Arroyo (2000, p.236) “cada um conta sua história. E na longa viagem de retorno para suas casas e para suas escolas cada história e cada prática trocada se converterá em outra história e outra prática. Troca-se memória coletiva, auto-imagens construídas”. Percebemos que nas entrelinhas das histórias narradas, existe uma mediação de diferentes universos: são as falas anteriores à instituição e as falas da instituição, dos profissionais das instituições, dos filmes vistos, das relações de sala de aula, da convivência com as outras crianças, etc. E é com todo esse conteúdo que a criança irá ilustrar sua história, momentaneamente e também a história futura. As crianças vão compondo lentamente seus mundos e colorindo como querem, esse trabalho “artístico”. Tal trabalho possibilitará a resignificação, e essa releitura de si mesmo, possibilitará o não fatalismo da reprodução da violência ou do trauma sofridos. A ruptura com uma violência que acontece na maioria das vezes no âmbito familiar, possibilitará uma reformulação da auto-imagem social frente ao que se deseja para si enquanto sujeito, e não enquanto aquele que reproduz as dores sofridas, como uma maneira de apagar a dor.

Formar livremente, pensar livremente, exprimir livremente. Este é o legado verdadeiramente incentivado ao contador de histórias. É uma transmissão de seus respectivos contextos pessoais.

O bom “escritor” ou “narrador” é o que sabe desenhar a letra, no sentido de fazer-se compreender, mas este conteúdo não diz respeito a escrever histórias, diz respeito a inserir-se nas histórias. No entanto, há uma ambigüidade, porque mesmo se inscrevendo em sua história as crianças não se colocam distanciadas do campo ficcional. É possível dizer que os infantes escolhem por vezes os desenhos, para trazer uma proximidade entre o escrever (a própria escrita) e o registro de um traço. E através da escrita - desenho e da fala, que vão sendo reconhecidas proximidades, despertadas pelas narrativas. Estes momentos são experiências únicas de uma ação criativa, que consolida fala e registro. Assim, a ficção torna-se somente veículo desse traço, dessa fala, fazendo com que a criança se insira em uma nova realidade. É interessante ressaltar que a escrita (o desenho) veicula restos dos dois objetos determinantes do ser falante: o olhar e a voz. O olhar, na medida em que recoloca seu jogo principal: suas marcas carregam uma presença na ausência, e a voz, na medida em que a articulação constrói intervalos e ritmos próprios.

O sujeito vai então refazendo um olhar que tem de si mesmo, do outro e do universo externo.

Não se trata de fazer o empréstimo de um elenco de temas de outros, o que teria significado apenas uma importação de traços percebidos pelo narrador, subjetivos, objetivos ou apenas passageiros ou seja, tomados emprestados apenas para gerar um novo olhar. Trata-se de atuar um princípio que se afirma pela positividade de sua ação – o rever-se. Exatamente como a liberdade estética, que não traz em si conteúdo prontos, mas limpa os terrenos das opressões sofridas e das atitudes falsas imputadas, e deixa a consciência em aberto para escolher e julgar os seus modos de agir e dessa maneira reestrutura-se.

A liberdade da narrativa permite que a sede de encontrar uma imagem do si mesmo, sacie-se onde lhe parece melhor, e para tanto, é necessário que ela exerça primeiro a ruptura com a má positividade - aquilo que o outro espera de mim. Depois, ou no curso das falas, o “escritor” vai enfrentar o seu assunto – sua vivência, que o

levará de volta às suas experiências vitais significativas. A fala marcará então novos termos e limites, exigindo o tom justo, a perspectiva certa e a criança cederá então à criança que sobrevive ao determinismo.

A passagem, que vincula estreitamente liberdade de narrativa e opção, dá-se na mente das crianças, poetas e narradores que infletiram a parábola de sua obra da proclamação de fórmulas libertárias para aquela identidade, vista como pólos de reais transformações, não meramente como um ser mais um.

Os freios do silêncio foram arrancados, a hora é de partir. Sim, mas para onde? Para a própria história de cada criança, para a própria história subjetiva. O que propiciará o conhecimento íntimo de seus universos será a sua fala, a narração de seu vivido, mesmo que em alguns momentos esta fala da criança seja fictícia, irreal, é ela que nos mostrará a novas peças a serem juntadas ao quebra-cabeça.

Se o discurso se mantém fiel a uma inspiração conhecida, pela qual a repetição e a diferença se chamam e se mostram mutuamente, ficam relativizados os dualismos entre o universo externo (situação anterior) e o universo externo atual (situação de violência e ou de possível abrigo). O que interessa é verificar se há, e quando há, um potencial de ressignificação de passagem entre os pólos, conteúdo drástico apoiado em algum tipo de violência e ou negligência *versus* a opção de recomeço.

A recusa inicial de narrar histórias, já exaustos de tanta dor, quando o fazem, as crianças emprestam essa “literatura” fôlego para que retomem o labor cognitivo e expressivo da ação simbólica em busca e reconstrução de si mesmo. Chega o momento em que, estimulados pelo conhecimento do outro, o “narrador” olha para si mesmo e se surpreende com um novo rosto, nas suas falas e mitos, nos acontecimentos cotidianos e nas figuras da memória.

A pesquisa que acontece no âmago de cada relato, nos traz uma cultura do vivido que alcança níveis distintos de originalidade em relação aos conteúdos dos livros e das falas contemporâneas fabricadas. Aqui, é notável a diversidade das formações de conteúdos e de seus ritmos de desenvolvimento e eco nos universos infantis, que explica as diferenças de atuação cotidiana de cada criança – narrador.

Culturas vão se compondo de estratos densos e significativos, que nos inspiram um tipo de “ouvir” marcado pela complexidade e pela amplitude de composição lingüística, ou seja, uma narração inconsciente.

Dos pequenos “historiadores”, historiadores sim, pois é a partir do que restou a eles que eles terão suas histórias de vida, resta-nos observar a busca de solução para uma metáfora enraizada, a metáfora de esclarecer o seu sentido enquanto ser no mundo, para afastar possíveis equívocos tão amplamente repetidos em nossa mídia.

Um escritor se enraíza de modos diversos, e nossos pequenos escritores, sentem um enorme prazer em suas descrições, em falar de si, sondar o subsolo mítico da infância e descobrir os labirintos da memória, os arquétipos construídos e perdidos, os conteúdos da esperança, do medo, da luta e da resignação, os sentimentos que habitam todas as latitudes, só nos levam de encontro com a resiliência e a possibilidade de construir um novo “si mesmo”.

Será que em nosso cotidiano podemos inferir a pergunta, de que por vezes não somos outros para nós mesmos? Por vezes um outro que resultou de tudo o que vivenciamos ou de todo o conteúdo que nos acompanha. Quem somos e queremos deixar de ser. Não é fácil aceitar uma identidade tão socialmente determinada, ou tão acidentalmente determinada.

Miguel Arroyo nos ensina que: “Problematizar a nós mesmos pode ser um bom começo”. (ARROYO,p.27 2000).<sup>5</sup>

A intenção de resgatar a memória das crianças e conduzir cada uma delas a ponta do “fio do novelo” que as conduzem, é entrar em contato com o ensinado, aprendido, preservado e principalmente vivenciado. E este caminho é iniciado pela linguagem, linguagem individual vivida por si mesmo e não sugerida pelo outro.

Só a memória e o relato desta, é que irá permitir rever os caminhos percorridos pelas crianças, esta memória quer diz respeito a cada um.

A criança é o principal personagem de sua história, através do resgate de sua “fala” – memória ela rememora no presente, sua dinâmica de vida permitindo o rever, o repensar e o refazer.

---

<sup>5</sup> ARROYO, M. G. **Ofício de Mestre e imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 200.

Se revendo a criança encontra o que ela foi, talvez alguém que em algum momento necessita de uma reconstrução de si mesmo, o passado – a memória marca o presente. Rubem Alves, citando Wittgenstein (ALVES, 2004,p.72) nos permite delimitar o terreno único que é a memória de cada um: “ os limites da minha linguagem denotam os limites do meu mundo”. A linguagem da criança se mostra através de sua fala, de seus movimentos, através de seu olhar, e todo esse conteúdo é resgatado através do vivido – da memória.

Os narradores herdaram das revoluções sofridas, um pressuposto de desapego e liberdade pelo qual deve ser recomeçado sempre, mesmo que este recomeço inspire recomeçar do fim, por essa razão, ignoram quaisquer constrangimentos que as outras crianças seriam motivo de silenciar. Eles internam-se resolutamente nos seus próprios materiais de vida e pensamento.

As paisagens familiares recebem nas lendas criadas pelas crianças, uma aura mágica de lugares estranhos visto como se fora a primeira vez ou se fosse um conto encantado, onde tudo corre extremamente bem. São casos felizes, onde o narrador tem o desejo de ir penetrando lentamente para daí então encontrar o que potencialmente assume um caráter de misterioso, e vai se revelando lentamente como verdadeiramente é. A carência desoladora onde vivia e que lhe proporcionou um dos fatores de violência, é analisada, por dentro, sem complacências nossos pequenos narradores vão descartando mito a mito, permitindo a sua prosa final, o mais puro conteúdo que em muitas situações, é um conteúdo de uma cruza absurda, mas que ao ser revisitado permiti um novo olhar de si mesmo. É a troca de lugar, a condição de vitima e trocada pela condição de ator da peça principal que é a sua existência, que a partir daí receberá uma nova indumentária.

Essa literatura infantil, narrada pelas crianças, cria uma nova imagem (densa, dramática,desafiadora) de áreas do inconsciente que muitas vezes se mostram como profundas marcas de construções feitas por seus cuidadores, totalmente equivocadas, desconstruir estes conteúdos e provocar reflexos sensíveis que convergirão a novas ressignificações é um trabalho constante, sem determinação de tempo e de uma amplitude “ensurdecadora”.

O que importa, afinal, é contemplar a variedade dos caminhos, solares (risos, falas alegres, canções...) ou noturnos (pequenos resmungos, choros, dores, tristezas...) em conjunto ou solitários, que estes pequenos “escritores” nos propõem. O seu caminhar, vai sendo construído com varias pontes, vai se concretizando rico em promessas, da liberdade da fala para a liberdade de ser. Mas não só as pontes, temos planícies, plataformas de onde alçam vôos, novos territórios que permitem a eles – pequenos escritores – escolherem as divisas entre o vivido (traumático) e o horizonte que desejam alcançar.

O cuidado é para que o contrário não aconteça, ao invés de alçar vôos de ressignificação nossos pequenos escritores podem ficar presos a suas dores, e marcas negativa, já que o que se espera do outro é no mínimo o mínimo cuidado. Em lugar de pontes, constrói moinhos unicamente imagináveis e baús cheios do resíduo maléfico da violência.

Embora não querendo considerar este ciclo, devemos sempre clarificar esta possibilidade e seus desdobramentos, mas não é ela aqui que nos interessa. Podemos afirmar que a consolidação de si mesmo, é muito mais recorrente do que o aprisionamento em si mesmo.

*“Recorda-te de teu futuro e caminha até a tua infância”.*

Jorge Larosa

*“O monstro criança não é o pai do homem,  
É no meio do homem, o seu decurso,  
a sua deriva possível, ameaçadora”.*

Jean F. Lyotard

Em nossas conversas, constatamos que as trajetórias de vida das crianças, até o momento de nossa primeira intervenção (contato), apontavam para novos conteúdos. Refletíamos sobre a concepção que cada um tinha de seu universo, das realidades que os envolviam, e conseqüentemente o motivo do abrigo ou do por que do atendimento com a profissional de serviço social e psicologia. A cada nova lembrança “contada”, novos significados surgiam. Os acontecimentos eram legitimados pelos

vínculos que as crianças iam dimensionando – vínculos sociais e afetivos, que norteiam a diversidade cotidiana de cada um.

As lembranças possibilitam a não inferência, e principalmente à não reprodução de falas sobre violência que ao contrário de individualizar acabam por criar um perfil geral daqueles que passam por episódios tão aniquiladores, quanto o abandono e a violência.

Através dessa relação apaixonada de amor e ódio nos aprendemos e aprendemos formas diferentes, de ser e vivenciar cada fato de nossa existência. Nem tudo o que somos nos pertence, e neste não pertencimento não devemos nos perder. O que nos é vital e real, é esse tudo do qual resultamos. Quanto fui, o que não fui, quanto quis, tudo isso, todo esse complexo universo sou eu.

Ah! (ALVES, 2004,p.73) “ Os olhos sucumbem ante o poder da palavra” ou aos relatos da lembrança; se a criança consegue se ver anterior ao trauma, significa que em algum momento ela conseguirá se (re)significar frente à violência sofrida.

Embora também estejam empenhadas na renovação do panorama vivenciado, nossas tendências devem ser sempre de ampliação, devemos propor sempre a transgressão das normas de elaboração psíquica frente os modelos. O novo ver-se, deve ecoar em doses comedidas, porém doses a serem ministradas gradualmente, apoiadas em uma criatividade construtiva e emancipadora. Desprovidas do caráter agressivo as reconstruções através da criatividade, garantem maior estabilidade e maior continuidade no processo de transformação de cada sujeito. Devemos nos apoiar sempre em conteúdos que promovam revisões do campo cultural, no sentido da desconstrução dos mitos de maternidade e paternidade, não desmaterializando os papéis materno e paterno, mas sim restaurando o sentido destes frente à impossibilidade de estar, educar e ou criar uma criança. A metáfora revista, colocada em circulação através da fala da criança e a de que a violência sofrida não aconteceu porque “ele” (a criança) não era amada, mas talvez por uma impossibilidade do outro de amá-la.

Esse apelo remete à questão do que se esperado de uma mãe e de um pai. Mas o que se pode esperar? Parece que, em ambos os casos, materno e paterno, trata-se de auxiliado pela criança, por sua fala propor a cada uma individualmente,

considerando caso a caso, um revisitar de conteúdos, percebidos pela criança, e não de conteúdos prévios ou por nós estabelecidos.

Em sua fala, a criança possibilita um caráter sintético e enumerativo, que se enquadra nos limites impostos pelo marco do silêncio, a criança olha para sua família como se as famílias devessem compor um modelo, pois é isso que lhe chega, como se as famílias fossem as fotos que compõem as revistas. A desmistificação deste universo, cabe a criança mas também ao profissional que lhe está próximo elaborar, pois só assim sua lembrança será verdadeira, e dessa maneira que se evita as elucubrações e reformulações frente ao ideal de família, e não a família real.

Todo o trabalho frente às dimensões utópicas das falas infantis, possibilita uma nova linguagem ou a tentativa de renovar as linguagens existentes, pois a criança só fará o relato do real quando o vínculo acontecer. Esse fenômeno passa por várias etapas, com denominações diversas. Por um lado, a fala inicial, o primeiro relato, que representa um esforço capaz de aglutinar grande parte das impressões e das expressões que a criança pode nos propor, para chegar a uma síntese representativa das peculiaridades do universo do narrador (a criança), exposta em suas constatações lingüísticas. Por outro lado, projetos que respondem à necessidade de atualizar o que realmente aconteceu, ou como acontecia, é o acontecimento cotidiano exposto na oralidade, circunscrito a uma experiência mais ampla.

A fala, o desenho, a produção da criança, de sua história, lembrando e escrevendo, se relacionando com os fatos vividos vão dando sentido ao real. O fantasioso se alia a dor, e com o trabalho social psicológico vão sendo lentamente transformados em experiência vivenciada ou subjugados ao universo nebuloso do esquecimento frente à (re)construção.

*“O que se passa quando o sofrimento aumenta e ultrapassa a força de compreensão do pequeno ser? O uso comum caracteriza o que se segue com a expressão: ‘a criança está fora de si’”.*

Sandor Firenczi<sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Sandor Firenczi, “Confusion de langue entre les adultes et l’enfant”, art.cit.,p.79.

O ato de escrever exige habilidade de manipulação dos símbolos lingüísticos e a escrita se complexifica à medida que o sujeito utiliza os símbolos complexos – da ciência, da filosofia e das artes, etc. para escrever. A escrita da qual falamos não utiliza essa simbologia refinada, mas uma fala deliciosamente desvinculada, livre e solta – a fala infantil. Que não obedece uma lógica de construção, vai surgindo e sendo elaborada como um quebra-cabeça. Falas surgindo, como pequenas peças de encaixe. A narrativa é afetiva e sentimental.

Ouvir a “voz” de cada uma dessas crianças, não significou apenas ouvir seus choros, solicitações e demandas, considerando suas falas como um item de pesquisa. Significou principalmente, ajudá-las a resgatar sua inocência e a pureza, que as atitudes adultas deixam a mercê da culpa que cada “pequeno” determina a si mesmo.

Podemos considerar que as crianças constituem um núcleo mais do que especial, devemos perceber o que elas querem e lhes oferecer exatamente isso. Se no cotidiano, o que elas querem são jogos, por que não utilizarmos o lúdico para uma movimentação de (re)inventar a si mesmo. Se sua agitação é em busca de uma fala de si, por que não criar para ela estes espaços de fala. Uma fala que futuramente pode vir associada à ilustração do narrado, do contado, do vivido. Ficamos extasiados, ou no mínimo bem interessados quando paramos para ouvir uma boa história, narrada por vozes e recheada de imagens oníricas e míticas, podemos fazer este mesmo exercício prazeroso ao auxiliar uma criança a elaborar sua história, não criando um conteúdo fictício, mas possibilitando a ela criar novos matizes frente ao vivido. Considerando que podemos nos (re)significar através de histórias de outros, contadas por vozes de outros, temos certo então que movimentar a criança para um rever de sua história, é dar a ela a possibilidade de ver-se totalmente e não fragmentada, pois é fragmentada que ela nos chega. Onde no lugar da voz encontramos o silêncio, e no espaço da criatividade e ação, muitas vezes encontramos a imobilidade e a apatia. Para vencermos junto à criança essas condições instauradas pelos olhares dos adultos, que insistiram em não vê-la, temos de propiciar a ela uma nova história, mesmo que e principalmente que esta nova história parta de algo que só ela realmente conhece – a sua história.

A arte da narrativa (poética) infantil, agrega um conjunto de princípios lógicos, argumentativos e elocutivos, respondendo à codificação normativa do conceito do existir e de existência. O sentido propriamente mimético da cópia de modelos anteriormente registrados de maneira subjetiva, neste contexto a imitação da fala do outro apresenta-se como princípio. Recorrendo aos escritos de Françoise Dolto, podemos clarificar o que é a repetição nesta dinâmica familiar (DOLTO, 2003,p.113):

*“(...) É o que chamamos de “neurose familiar”, ou seja, a repetição, de geração em geração, dos mesmos impasses. É o “circulo da família”, tão bem descrito por André Maurois e completamente contraditório aos desejo conscientes das pessoas. A identificação parece fatal porque os filhos querem crer que os pais são absolutos, são “deuses” a quem nunca se deve julgar”<sup>7</sup><sup>8</sup>.*

Os impasses, as dores, as negligências, essa realidade tão destituída de cuidado, de poesia, e a realidade que se faz presente na fala dos infantes, é o conteúdo que os profissionais devem não apenas ouvir e relatar, mas principalmente absorver para que não tenhamos uma repetição constante dos modelos anteriormente por eles registrados.

Em muitas situações, de ação e ou de fala a imitação possibilita ao artífice partir das coisas vivenciadas, seus conteúdos e seres que o cercam, entre eles o homem (o adulto agressor) e o resultado de suas ações, e, dentre estas ações, encontra-se por sua vez a própria fala e a escrita. As imitações são modelos que o infante recria pela necessidade de conteúdo depositado; neste artifício da forma ficcional, o universo imitado com base noutras descrições imitativas ou diretamente a partir de uma todo faltante.

A criança tem acesso a um saber universal que é infinito e que transpassa refinamentos, dimensões de tempo e espaço. Seu caráter próprio de ser é mediativo, porque ela esta totalmente presente aqui e no agora. O saber da criança, surpreende e

---

<sup>7</sup> Grifo meu.

espanta os adultos, porque eles já não podem mais ver, ouvir e sentir a realidade com uma dimensão livre de pré conceitos, uma dimensão tão ampla e aberta. É esta dimensão que permite, a criança uma desconstrução da culpa, para uma reconstrução do eu.

Tendo um lápis e papel na mão, as crianças vão construindo suas falas, vão possibilitando o imaginário real e não mais idealizado, e neste imaginário vão se reinventando.

De tantas certezas que nos deram segurança em nosso caminhar quantas ficaram para trás? Ao nos remetermos a este resgate, percebemos que a diversidade de violências que nos chegam, promovem em nós imensas incertezas, e neste lugar de pensar, vemos que as certezas que tínhamos sobre nosso papel perdem a força.

Quando a criança “escreve”, ela além de referenciar seu universo, ela relaciona-se com maneiras existenciais, é um novo olhar que começa a despontar em uma condição que até então lhe parecia sem cor, ou como poderíamos afirmar sem alternativa. A criança fala de um universo em alguns momentos que são compostos de um ar mágico, porém não encontramos o mecanismo do maravilhoso, ou seja, não há nestas falas vivenciadas, quando narradas uma fada que realiza os desejos das crianças e nem uma máquina capaz destas realizações. É a criança falando das questões mágicas da existência, muitas vezes repletas de dor, mas que tem seu conteúdo fantástico, na maneira leve que é narrada. Talvez o que nos pareça fantástico, é o olhar de constante benevolência que os pequenos nos devolvem quando falam sobre o que lhes foi causado, é esse olhar que em situações futuras dará fundamentação a resiliência.

(...)

- *Oh!Oh! Estou chorando porque sou um fauno muito ruim.*

- *Não acho nada disso. Penso até que é um fauno muito bonzinho, o fauno mais simpático que já encontrei.*

---

<sup>8</sup> DOLTO, F. Quando os pais se separam. Françoise Dolto com a colaboração de Inês Angelino, tradução, Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

- *Oh!Oh! Você não diria isso, se soubesse de tudo! Não, sou um fauno mau. Acho que nunca existiu um fauno tão ruim desde o começo do mundo.*

- *Mas então o que foi que você fez?*

(...)

- *Não! Tenho certeza de que o senhor nunca seria capaz de fazer isso.*

Lewis, “As Crônicas de Nárnia” (p.107 e 110).<sup>9</sup>

Notamos que o trabalho com as crianças não poderia ser individualista, sem respeitar o contexto vivido pelas crianças. Em grupo e individualmente assumimos o desafio, de lidar com as resistências de cada criança e ou familiares. Nosso vínculo foi reforçado, pelo anseio e a necessidade, de trocar e aprender juntos. Só as crianças podem nos permitir aprender com elas pois elas trazem suas experiências, os diversos lugares e modalidades de vínculos que tiveram e tem, só elas podem compartilhar os momentos que vivenciaram e vivenciam, pois estes conteúdos lhes pertencem.

Na oratória da criança, mais empenhada na defesa da causa dúbia, usos de relatos não familiares são menos comuns. Sabendo que esta oratória diz respeito a um todo – o universo do infante, ainda que promissora de artifícios, a fala deve igualmente limitar-se aos padrões de verossimilhança; contando com a ampliação da subjetividade. Concessões e restrições merecem ser feitas similarmente frente à fala dos infantes, por alguns momentos estas podem ser demasiadas até mesmo para a criança, erguida sobre a amplificação dos sentimentos, com mais afetividade do que razão, ocupada prioritariamente em demonstrar seus universos, embora também ampliados e ornados de todas as nuances entre real e imaginário. É portanto o critério da adequação das finalidades – do fazer falar que fundamentam as diferenças e proximidades dos momentos reais e imaginários. A criança, em seus relatos conta com um amplo leque de artifícios de narrativas, sendo a ela não só permitido, mas até conveniente o exercício da linguagem, para perceber-se, este movimento de fala, montagem de sua história e de escuta, lhe proporciona prazer na medida em que acrescenta algo ao já

---

<sup>9</sup> LEWIS, C.S. As crônicas de Nárnia. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

conhecido de nomes e situações comuns; esse saber “novo” é, por sua vez, a base da (re)significação.

Juntos, ao longo dos relatos e interlocuções, aproximamos nossa ação, nossa – adulto e criança – aprendendo juntas, significando e ressignificando todos os envolvidos, pois partimos da fala e da construção da criança, não de um conteúdo pré estabelecido, por um olhar já deformado por um excesso de falas, de senso comum ou científicas que querem determinar não apenas perfis, mas também inconscientes e ações. Discursos diferentes (falas diferentes) apresentam, como é do conhecimento comum, universos diferentes, e o que é relevante ao fim de determinada narrativa, conforme a violência sofrida existe uma inclinação de fala e da perceptiva de cada infante, tem finalidade diversa em outro. Sabe-se também que a arte da fala e seus contextos retóricos são tomados de acordo com a interlocução de cada momento vivido, de cada tempo, seguindo certa seleção e determinada interpretação de seus “atores” e seus conteúdos. Diversidades vão surgindo, e tomando forma na fala, novas possibilidades frente a um recomeçar vão ficando claras e ao alcance de pequenas mãos.

Dessa maneira as crianças, se significam e singularizam-se, pois se percebem como únicas em sua história, e não mais como um número, que tem servido para configurar estatísticas.

*“Somos pobres de histórias surpreendentes. A razão é que os fatos já nos chegam acompanhados de explicações”.*

Walter Benjamin

As análises feitas dos relatos, desenhos, das histórias contadas pelas crianças, possibilitam o entendimento, de que ser criança, de ter passado por um episódio de violência e ou negligência, não significa necessariamente, não ter infância. Se olharmos para a construção social/histórica/cultural do conceito, constataremos que a criança, durante séculos fora um sujeito sem quaisquer direitos até mesmo de viver. Da mesma forma, podemos analisar os processos históricos que levaram à construção social do

conceito da infância que fundamenta nossas práticas atuais. Sendo assim, a infância contemporânea deve ser compreendida como resultante das relações sociais, culturais, políticas e econômicas que foram constituindo num contexto histórico caracterizado pela explosão de tecnologias de informação, com um agravante a se considerar em nosso contexto – a violência. Neste sentido devemos propor (ABRÃO, 2001, p.53) “o emprego de uma atitude interpretativa mais ativa, que chame a criança para a vida”, que Anne Alvarez (1992) denominou de “reclamação”.

Para que as crianças possam (re)significar seu cotidiano, ela deve perceber que o outro na condição de escuta, esta vinculado a ela no sentido não apenas de escutá-la mas também há como ler esta história, pois ela se faz estampada em suas ações, palavras, gestos, etc. Só elas, as crianças é que nos podem transmitir a intensidade que é a atmosfera da infância.

Quando paramos para escrever sobre o que as crianças nos contam, ou para pensar sobre o que elas gostariam de narrar, fazemos isso pelos nossos olhos, e nossa escuta, deixando óbvio que esta é uma narração adulta de uma escuta adulta, o sentimentalismo tende a se introduzir, ao passo que a realidade da infância, tal como as crianças estão vivenciando, tende a se excluir. Todos nós nos lembramos de nossa infância (vamos considerar desta maneira), tal como a vivemos, sabemos que era infinitamente diferente de como os adultos a viam. Então enquanto profissionais que trabalham com a escuta infantil, não podemos repetir talvez situações de compreensão que já vivenciamos na condição de infantes.

Essa regra nos parece ainda mais verdadeira no que se refere ao tipo particular de histórias narradas por nossas crianças, elas não vem repletas de seres míticos, de seres mágicos ou de condições fantasiosas (fadas, lugares adoráveis, dragões, etc.), as falas que nos chegam, são essencialmente reais, tão reais que em alguns momentos nos causam preocupação frente a sua crueza. Mas é a fala que nos é narrada, é o relato o qual nossa escuta deve estar preparada, pois é uma narrativa que fala de episódios de violência, de negligência e maus tratos.

Em seu livro, as etapas decisivas da infância Françoise Dolto, considera como definição de violência: “É quando *não* se diz ou não se diz *mais*” (DOLTO, 2007,p.138), frente a este conteúdo podemos estruturar a nossa escuta, na condição de que frente à

fala do outro – a fala da criança, podemos provocar uma reelaboração do experienciado.

A melhor maneira ou a maneira idealizada para (re)escrever uma história, é propiciar que a criança através de sua subjetividade possa na montagem de sua história, expressar junto com o vivido algo que ela gostaria de ter vivenciado. Neste processo de elaboração, devemos manter nossos ouvidos coerentes ao que nos é narrado. Deste modo, considerar que o que nos chega aos ouvidos, estes prontos para a “escuta”, é uma fala real.

Em todas as falas, por mais dolorosas que sejam, é certo, um deleite razoável, que resulta da necessidade de falar de si, de como era, ou de como o infante imaginava que poderia ter sido e ou que será; essa possibilidade de emoldurar-se pela fala, não é enriquecedora para que exerce a escuta apenas, ela é fundamental para quem a executa, pois somos a nossa fala, e é ela – a fala – que possibilitará um reiniciar, mas tem-se claro que isto só poderá acontecer frente a uma escuta coerente e preparada, livre de rótulos, e determinismos. Só assim estaremos prontos para escutar nossas crianças.

São essas crianças, tão especiais e únicas quanto todas as crianças, que estão ao nosso redor, ao nosso lado, que convivem conosco; que trazem um jeito especial de ser (como todo sujeito), marcados pela curiosidade e pela movimentação que querem saber, participar mas também nos mostram e querem mostrar o que sabem – dividir e trocar. Querem ouvir, mas principalmente querem ser ouvidas. É na escuta da criança, é através de sua fala que sua voz é legitimada, e nessa legitimação que o papel da “ouvidora” nos possibilita conhecer o universo da criança, tateando possibilidades que possam conduzi-la a um (re) descobrir e assim a uma (re) significação.

Em suma, a amplificação da fala do infante, desenvolve afetos e caracteres que são construídos pelo “falante” por meio de numerosos recursos e simbolizações a serem percebidos e assumidos pelo “ouvidor”. Na fala destas crianças, a descrição de sentimentos age envolvendo todos na matéria afetiva. O caráter das vivências líricas ou doloridas costuma ser narrado por atos (ações, acontecimentos e falas) e signos que os tornam reais. Ao analisarmos a natureza de certos afetos pela escuta, percebemos que eles são amplificados, e que em alguns momentos acabam recebendo um luto

antecipado, e como se a não existência do adulto que criou a condição de dor ao infante, propicia-se uma (re)significação mais rápida. Passado um pequeno período, o infante volta a dar lugar ao adulto que antes ele antecipou o luto.

Aquele que escuta, ocupa um lugar de crítico frente ao falado, na seqüência de cada fala, vai sinalizando nos trechos relatados, aquele conteúdo que deixa de ocupar o lugar de metáfora, e demonstra um aprendizado de si, fácil e veloz. E a existência, deste instrumento privilegiado – a fala – repõe em cena um ator que por condição de aniquilamento possa ter deixado de estar presente – o infante.

É certo que as falas demonstram o pensamento, e nesse movimento de escuta devemos considerar a repetição, a obscuridade, enfim, vícios de linguagem que colocam-se a postos para remeter-nos a subjetividade que é cada sujeito. O entendimento do “falado” faz maravilhas frente às agudezas de cada narrativa, em momentos diferentes percebemos uma argumentação lógica, em outros momentos uma fala desconexa, mas principalmente uma fala, em parte a ação do ornato (o que e como gostaria que fosse), ornato que torna o infante visível para si mesmo, ou mais visível. Visibilidade que permite ao seu pensamento um lugar de fala, possibilitando o brilho deste lidar com a verdade, e a imagem idealizada que tem de si, do outro e do mundo externo.

Muitas histórias contadas:

*“Grande é a poesia, a  
bondade e as danças...Mas o melhor no mundo são as  
crianças, flores, música, o luar, e o sol, que peca. Só quando  
em vez de criar, seca (...)”  
Fernando Pessoa*

Ao citar Pessoa, abrimos uma gama de novos matizes, as crianças são as “melhores coisas do mundo”, elas dão um colorido diferente as nossas existências de adultos, por vezes com posturas tão rígidas. Relembrando cada história contada, cada brecha reveladora de cada uma das crianças, percebemos que estes momentos foram mais de encontros, aconteceram desencontros mas estes foram apenas panos de

fundo, para uma nova descoberta. Descobertas, que redimensionaram os distanciamentos, as aproximações e os vínculos tão importantes para (re) significação, esta que só acontece a partir de uma reelaboração de experiências vividas até agora e dos conhecimentos produzidos. Contar sua “pequena” história, significou para as crianças, retomar situações passadas, não as situações de dor, mas principalmente uma retomada, da infância (risos e alegrias), o lúdico, o vivido antes do episódio de sofrimento e ou perda, revelados pela memória.

Por trás da aparente simplicidade que os infantes expõe seus contextos encontramos situações de extrema complexidade, não é só a violência específica que aparece (violência doméstica, negligência, violência física, sexual, etc.), são conteúdos que remetem à fase inicial da criança. Falas que trazem, “gritos” silenciados de descaso, descuido, de falta de escuta. Nesta visão o relacionamento mãe-bêbe que é considerado o alicerce para a constituição do psiquismo, passa um pouco distanciado do idealizado. E nesse relato os desencontros vão se estruturando com uma força total frente ao não ver-se.

Pela própria experiência humana, pelas realidades vividas, pelo convívio com filhos e filhas, sobrinhos, na família, pela proximidade com a infância nos campos de trabalho, sabemos que ninguém nasce feito. Fazemos-nos, nos tornamos gente, à medida que vamos vivenciando nossas experiências. Não nascemos humanos, prontos, nos fazemos. Aprendemos a ser. Todos passamos por longos processos de aprendizagem humana. Talvez aqui, podemos considerar a fala de Arroyo, quando afirma que *“(...) Se preferimos, toda criança nasce humana, mas isso não basta: temos que aprender a sê-lo. Podemos acertar ou fracassar. Nessa aprendizagem também há sucesso e fracasso.”* (ARROYO. p.53.2000) <sup>10</sup>

São esses “humanos” que nos relatam suas histórias, e neste processo, percebe-se que, esta é mais uma tentativa para deixar o fracasso de lado, e enfatizar o acerto, acertar o vivido, a existência, a experiência de estar e ser.

O tempo inteiro ficamos nos indagando sobre os elos: onde eles estão, como se explicitam? O outro paradoxo é de que nas memórias da infância, ali onde

---

<sup>10</sup> ARROYO, M. G. *Ofício de Mestre e imagens e auto-imagens*. Petrópolis, RJ: Vozes, 200.

esperaríamos encontrar a intimidade, a familiaridade e a autorepresentação do narrado, o que aparece muitas vezes é estranheza e distância. São outros que falam, na ausência absoluta de reconhecimento pelo eu: são tentativas de descrição a partir de fragmentos, tentando reconstituir personalidades e cenas, bem como a partir do relato dos outros (dados que nos chegam por algum familiar). Ficamos, como o narrador, enquanto observadores de uma história reconstituída quase artificialmente. Mas são essas falas que nos cabem, e é com este conteúdo que vamos buscar uma visibilidade do infante, enquanto sujeito.

As histórias contadas, muitas vezes parecidas, associadas, ou copiadas de outras falas infantis, possibilitam o ver a criança inserida em sua fala, e não na fala do outro, o que para nós é essencialmente único. Pequenos pormenores, mas vestígios únicos de uma singularidade que individualiza o sujeito.

## Considerações Finais

*“Mais uma vez os homens pela dramaticidade da hora atual se propõem a si mesmos como problema. Descubrem que pouco sabem de si, do seu ‘posto no cosmos’, e inquietam-se por saberem mais. Estará, aliás, no reconhecimento do seu pouco saber de si uma das razões dessa procura.”*  
*Paulo Freire<sup>11</sup>*

Talvez recorrendo aos olhares de Miguel Arroyo, orientado pelo olhar de Paulo Freire, perceberíamos que os muitos aprendizados que nos envolvem, tem de se alimentar de um olhar atento, indignado perante os brutais processos de desumanização a que são submetidas tantas crianças, mulheres e homens perto de nós. Crianças, adolescentes, jovens e adultos com quem convivemos como assistentes sociais, psicólogos, como sujeitos. Sujeitos, tolhidos de uma vivência mais digna, indivíduos que reproduzem suas vidas, na moradia, no trabalho, na rua, nas escolas em suas vivências cotidianas. Esse olhar, só ele, poderá reeducar nossa sensibilidade para com os difíceis percursos a que estão submetidos os limites impostos a sua humanização.

Paulo Freire nos coloca o saber sobre nós como um problema pedagógico. Nós mesmos, nossa condição humana é vista como um problema. Lutar pela humanização

---

<sup>11</sup> FREIRE,P. Pedagogia do Oprimido, 17º ed., p.29.Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

nos faz humanos. Esse é o sentido de ser, de estarmos onde estamos, não apenas poder ouvir o outro, mas através desta escuta possibilitar uma humanização.

Os recortes feitos sobre a prática da escuta, do ouvir as histórias contadas pelas crianças e sobre a infância atendida na organização não governamental, indicam estratégias construídas e experimentadas, que constituem um modo de atuar.

Felizmente existem crianças, que mesmo tendo passado por um episódio de violência, permanecem no sentido de abstrair o sofrido, querendo (re) fazer-se e aprender com o novo cada vez mais. E sabem que esta (re) construção vai além de acumular o vivido.

Os novos conhecimentos, oportunizados pelo novo (re) começo entram em choque com o que já estavam instalados em suas “cabecinhas” (inconscientes). Neste movimento elas – as crianças- precisaram modificar convicções e conteúdos antigos que já estavam assimilados e continuam nessa construção. Foram mudanças em alguns momentos dolorosas, mas sempre significativas. Sabemos que neste processo o lúdico (o brincar) funcionou como anestésico, não evitando totalmente o sofrimento mas atenuando esta nova vivência do (re) ver-se.

Pessoas amigas deram um suporte a mais, para que o foco das narrativas fosse mantido, oportunizando assim uma constante busca e conseqüentemente um constante encontro. Amigos, equipe técnica e voluntários ajudaram a perceber que, na sociedade que queremos construir, é essencial que nós aprendamos de fato, a ver o outro, ou simplesmente, a amar. Sabemos que neste âmbito, como diria Leandro Konder (2007, p.95) “Mas não há consenso no uso das palavras *amar* ou *amor*”.<sup>12</sup>

A pesquisa realizada foi de um caminhar constante utilizando diversos autores, conforme citado nas referências. A intenção foi passar a idéia com clareza, mas sem deixar de considerar os meandros que envolvem a especificidade consciente e inconsciente de cada criança.

As abordagens utilizadas, o lúdico, o atuar junto, o ouvir, o falar, mantiveram-se ancorados na respeitabilidade da diversidade das condições específicas de cada um, com cuidado para não ignorar as diferenças.

---

<sup>12</sup> KONDER, Leandro. Sobre o amor. São Paulo: Boitempo, 2007.

Pensar assim equivale a aceitar a existência de evolução de cada sujeito – criança, no campo de sua subjetividade, aceitando por isso a crença de que existem possibilidade de (re)significação bem mais amplas do que outras. Como aconteceu com a fala dos infantes e a escuta de que tratamos desde o início, muitas vezes considerada como desnecessária por olhares diversos, mas que só nos serviu de universo estrutural, condição de aprimoramento e amplitude.

Na fala, porém estes olhares limitadores não interferem, pois esta – a fala, já é significante de formas agudas desde sempre. Mudam, finalmente, os limites aceitos ao verossímil poético que é fala de um infante. De qualquer maneira, a definição de um lugar de sujeito específico frente à história relatada e construída, é uma definição de lugar de linguagem, estando assim na base que possibilita todas as mudanças verossímeis de representações com palavras. De qualquer maneira, a definição de um lugar teórico para todas as falas, um lugar específico para um (re)significar cabe a nos como atividade elevada da linguagem dos infantes e nas bases de escuta, que conciliadas aos relatos possibilitaram e possibilitam mudanças nas representações individuais e nas suas atuações como sujeitos.

Creemos que a fala frente ao histórico vivenciado, é uma coisa tão grande, tão acima do olhar e de todos os tratados sobre a violência, que só o fato de pretender amarrá-la aos pés de seu “narrador”, de não ampliá-la parece-nos o mais vil dos insultos.

A natureza é bastante sábia e irônica; viu que existiam no mundo muitos homens e que a fala era seu maior artífice de visibilidade, estes através da fala poderiam e podem possuir talento, e então, em um momento de vaidade, não retirou a fala dos que falam, seria crueldade por demais, mas os remeteu a falta de escuta, transformando a fala que constitui, em um excesso de retóricas. A nos coube o olhar e o tentar ouvir o que nos era realmente falado. E esse movimento foi se tornando essencialmente vital.

O que nos é vital é a importância de cada abordagem e a “leveza” com que esta é feita, mesmo que ampla e ou complexa, ao conteúdo explicitado não deve se tornar um fardo a mais a quem o explicita – “peso”. O convite à fala, ao montar e contar a sua história, o seu enredo, em muitos momentos é implícito e instigante, reforçado de

curiosidade, resgatando a criatividade, assim possibilitando uma (re) construção do vir a ser.

### **Referências Bibliográficas**

ABRÃO, J, L.F. **A história da psicanálise no Brasil**. São Paulo: escuta 2001.

ARIÈS, Phillipe. **A História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro. LCT,1981.

ARROYO, M. G. **Ofício de Mestre e imagens e auto-imagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 200.

\_\_\_\_\_ **Imagens Quebradas**.

BENJAMIM, Walter. **O Narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: Magia

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. (orgs.) NOGUEIRA, Maria A . e CATANI,

CERTEAU, Michel de. **A invenção do Cotidiano: 1 artes de fazer** .(Trad. Ephrain F. Alves).Petrópolis, RJ: Vozes, 1994.

CECOVI. Maria Leolina Couto Cunha. **Módulo 1.** Compreendendo o fenômeno da violência doméstica contra crianças e adolescentes.

\_\_\_\_\_ **Módulo 2.** Perfil do profissional e a ética no atendimento.

\_\_\_\_\_ **Módulo 3.** Violência doméstica contra crianças e adolescentes na modalidade violência física.

\_\_\_\_\_ **Módulo 4.** Violência doméstica contra crianças e adolescentes na modalidade violência sexual.

\_\_\_\_\_ **Módulo 5.** Violência doméstica contra crianças e adolescentes na modalidade violência psicológica e negligência.

\_\_\_\_\_ **Módulo 6.** Sistema de garantia de direitos.

\_\_\_\_\_ **Módulo 7.** Legislação Brasileira.

DOLTO, F. **Quando os pais se separam.** Françoise Dolto com a colaboração de Inês Angelino, tradução, Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2003.

DOLTO, F. **As etapas decisivas da infância.** 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**, 17º ed., p.29. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

KONDER, Leandro. **Sobre o amor.** São Paulo: Boitempo, 2007.

LEWIS, C.S. **As crônicas de Nárnia**. São Paulo: Martins Fontes, 2005

LYOTARD, J.F. **O pós-moderno explicado às crianças**. Lisboa, Portugal: Publicações Dom Quixote.1993.

PESSOA, F. **Obra Essencial de Fernando Pessoa: Poesia do Eu**. Lisboa, Portugal: Assírio & Alvim, 2006.

NIETZSCHE, F.W. **Humano, demasiado humano: um livro para espíritos livres**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

WINNICOTT, D.W.A. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro, R.J: LTC Editora, 1982.